

A interface morfossintaxe/ discurso em uma língua africana e brasileira: ibíbio e tapirapé

Márcia Santos Duarte de Oliveira

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas /Universidade de São Paulo (USP)

marcia.oliveira@uol.com.br

Abstract. *The verbal morphology expressing focus was typologically exposed through the auxiliary focus notion (AF) – Hyman & Watters (1984, H&W). The H&W comparison originated analysis about focus related to the tense, aspect and mood verbal categories. On this work, the goal is to compare the verbal morphology of an African and Brazilian indigenous language: ibíbio and tapirapé respectively. The verbal morphology aspects related to AF to be compared are: (i) a tense allomorph related to AF in Ibíbio and (ii) a mood allomorph related to AF in Tapirapé.*

Keywords. *Ibíbio language; Tapirapé language; focus*

Resumo. *A focalização por meio da morfologia verbal foi tipologicamente exposta através da noção de foco auxiliar (FA) de Hyman & Watters (1984, doravante, H&W). Essa comparação produziu análises relacionadas à extensão de foco com categorias verbais de tempo, aspecto e modo. Neste trabalho, objetiva-se comparar a morfologia verbal da língua africana ibíbio – no que concerne a um alomorfe de tempo, relacionado a FA – com a morfologia verbal da língua indígena tapirapé – no que concerne a um alomorfe de modo, relacionado a FA.*

Palavras-chave. *Ibíbio; tapirapé; foco*

1. Introdução

A focalização por meio da morfologia verbal foi tipologicamente exposta através da noção de foco auxiliar de Hyman & Watters (1984) – doravante, H&W).

A noção de foco auxiliar – doravante, FA – de H&W propõe que, em adição às categorias reconhecidas de tempo/ aspecto/ modo, as flexões verbais de muitas línguas africanas expressam ainda distinções relacionadas a foco¹. A propriedade de FA é ditada pelo sistema de cada língua: se a língua tem a característica de “marcação de tempo”, o traço [+foco] é marcado no tempo; se é uma língua de “marcação de aspecto”, o traço [+foco] é marcado no aspecto; se é uma língua de “marcação de tempo e aspecto”, o traço [+foco] é marcado no tempo e no aspecto. O modo também interage com o traço [+foco] em línguas que gramaticalizam esta categoria como é o caso em ibíbio.

Neste trabalho, meu objetivo é comparar a morfologia verbal da língua africana ibíbio² – no que concerne a um alomorfe de tempo, relacionado a FA – com a morfologia verbal da língua indígena tapirapé³ – no que concerne a um alomorfe de

modo, relacionado a FA. Tapirapé possui uma construção gramatical tradicionalmente conhecida por modo circunstancial ou indicativo II, que se comporta de modo diferente de outro predicado independente, denominado indicativo I. Elementos dêiticos, quando vão para a periferia esquerda, ativam o Indicativo II nessa língua. Minha hipótese é que a marcação de modo em tapirapé está relacionada à noção de FA, tal como ocorre em ibíbio e em outras línguas africanas em que a morfologia verbal aponta a interface entre a morfossintaxe e o discurso.

2. A Noção de Foco Auxiliar ⁴

O relacionamento entre gramática e funções do discurso – tópico e foco – tem sido descrito e analisado através de vários estudos em lingüística africana nas últimas duas décadas. Esses estudos ratificam que a pesquisa em línguas da África pode realmente contribuir para uma definição tipológica e universal de foco (cf. Bearth 1999, Caron 2000a).

H&W alargaram o escopo do estudo de algumas das categorias descobertas em línguas bantóides de Camarões (ver Watters 1979), incluindo exemplos de línguas da família Benuê-Congo. Esta comparação providenciou análises relacionadas à extensão de foco com categorias de tempo, aspecto e modo. H&W também abriram o caminho para se considerar o fenômeno de FA como um dos traços areais mais interessantes da lingüística africana ⁵.

Em aghem, uma língua de Camarões, existem dois alomorfes para o tempo passado: **mò** e **má'á**; segundo Watters (op. cit.), o alomorfe **má'á** marca foco no valor de verdade da sentença – cf. Watters (1979:161). O alomorfe **má'á**, envolvendo tempo em aghem, é um dos exemplos de FA fornecidos por H&W.

É importante dizer que antes da noção de FA de H&W ser proposta, outros africanistas contribuíram de forma importante com relação ao estudo desse fenômeno: (1) os fóruns de Cook sobre foco em efik nos anos 70 ⁶; (2) Givón (1975); (3) Watters (1979); (4) Heine & Reh (1983).

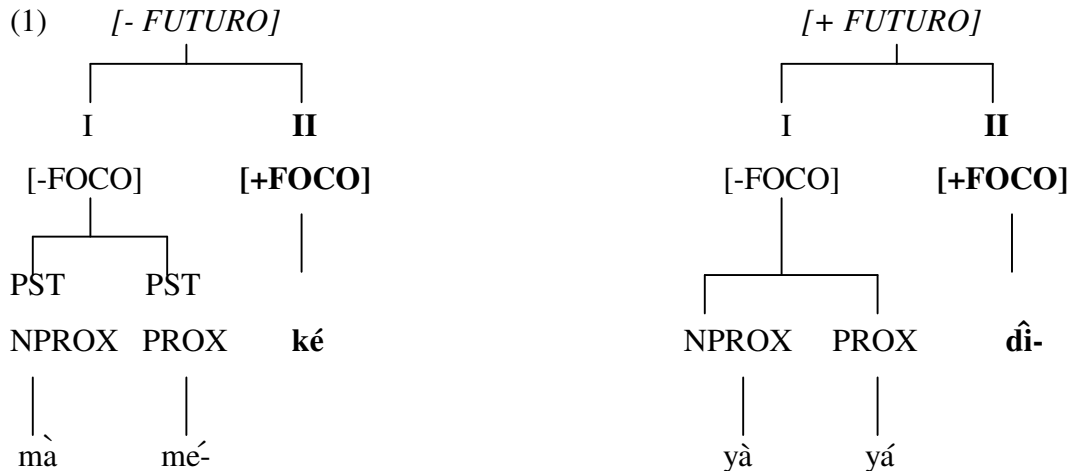
Depois de H&W, muitos outros trabalhos sobre o tema apareceram, como por exemplo: (1) Tuller (1992), utilizando-se do arcabouço teórico gerativo ⁷; (2) S. Robert (1993); Creissels & Robert (1998); Caron (1998; 2000a; 2000b); Segerer (2000; 2002), dentro dos parâmetros teóricos de Culioli (pesquisa de base francesa).

Antes de iniciar a próxima seção, cito as palavras de Bearth (1999:133, traduzido), a respeito de FA:

“[...] Se alguém fosse questionado sobre o que há de específico na literatura disponível sobre o sistema de foco na África – no qual não tivesse sido ainda levado em consideração – e que estivesse faltando em uma teoria geral de foco, o fenômeno incluído por H&W sob o título (ainda que provisório) de ‘foco auxiliar’ deveria ser o primeiro a ser apontado. [...]”

3 - Tempo e Foco Auxiliar em Ibíbio

Oliveira (2004:140) revisita a categoria tempo em ibíbio, relacionando-a à noção de FA. A autora (op. cit.) propõe que essa língua africana exhibe alomorfes de tempo [+foco], como se vê abaixo em (1) ⁸:



Oliveira (op. cit.) prevê que os alomorfes de tempo I/II são respectivamente [-foco]/ [+foco] (FA) em ibíbio.

As sentenças em (2a,b,c) abaixo exibem os alomorfes de tempo futuro [-foco]/[+foco]. A sentença (2b), réplica de (2a), é uma sentença com foco contrastivo:

(2)a. Èmèm á-ya- à-wód ébót m̀kpóñ⁹

Èmèm á- yá- à- wód ébót m̀kpóñ

Emem 3SG.SA- FUT I NPROX - EXPL- matar cabrito ontem/amanhã

“Emem vai matar (o/um) cabrito amanhã”

b. Ìyó!ó. Èmèm é- di- wód [F únê] m̀kpóñ

Ìyó!ó. Èmèm é- di- wód únê m̀kpóñ

Não Emem 3SG.SA- FUTII- matar galinha ontem/amanhã

‘Não. Emem vai matar galinha amanhã”

c. * Ìyó!ó. Èmèm á-ya- à-wód [F únê] m̀kpóñ

Ìyó!ó. Èmèm á- yá- à- wód únê

Não Emem 3SG.SA- FUT I NPROX- EXPL- matar galinha

m̀kpóñ

ontem/amanhã

‘Não. Emem vai matar galinha amanhã”

Em (2b), o verbo apresenta alomorfe de tempo futuro II **di-**, devido à marcação do foco contrastivo no constituinte [F únê] “galinha”. A seleção do alomorfe de tempo futuro I **yá-** gera agramaticalidade em sentenças com foco como se vê em (2c).

Zubizarreta (1998) elabora a interpretação do foco contrastivo postulando uma estrutura de asserção – doravante, AS – que se constrói depois da Forma Lógica (FL). A AS se constitui de duas asserções: A₁ e A₂. A asserção principal A₂ contém a negação

de um valor atribuído à variável, na primeira parte da conjunção, e a atribuição de um novo valor na segunda parte como se vê em (3') que capta a AS de (3):

(3) Emem vai matar [_F galinha], não cabrito

(3') A₁: Existe um X, tal que Emem vai matar

A₂: É falso que o X (tal que Emem vai matar X) é cabrito & o X (tal que Emem vai matar X) é [_F galinha].

Logo, sentenças em ibíbio que exibem foco, como (2b), só podem ser gramaticais se o verbo que exhibe afixo de tempo selecionar o alomorfe de tempo II – ver (1) –, que marca FA nessa língua.

Oliveira (2004, cap. 5) apresenta propostas de estrutura de foco in-situ em ibíbio, como parece ser o caso do foco em (2b), e de foco movido para a periferia esquerda da sentença nessa língua. No entanto, as estruturas de foco em ibíbio estão fora do escopo deste trabalho.

A seguir, apresento dados em tapirapé com uma construção gramatical tradicionalmente conhecida por modo circunstancial, ou indicativo II, que proponho ser a manifestação de FA nessa língua indígena brasileira.

4 - Modo e Foco Auxiliar em Tapirapé

A literatura sobre línguas da família Tupí-Guaraní atesta sentenças cujos núcleos dos predicados vão para os chamados: modo “indicativo I” – daqui em diante, Ind 1 – e “indicativo II” – daqui em diante, Ind 2 – cf. Rodrigues (1996) sobre o tupinambá; Praça (1999), (2001) sobre o tapirapé.

Segundo Praça (2001:2), em tapirapé, no **Ind 1**¹⁰:

“[...] os verbos podem flexionar-se com os prefixos pessoais nominativos ã- (1SUJ), ere- (2SUJ), xi- (12SUJ), ara- (13SUJ), pe- (23 SUJ), a- (3SUJ), exclusivos desse modo, mas restritos, nos verbos transitivos, a certas condições no relacionamento entre os argumentos sujeito e objeto. Esse modo é caracterizado morfologicamente por ausência de sufixo modal [...]”.

Com relação ao **Ind 2**, Praça (2001:4) afirma que:

“O modo indicativo II ocorre em Tapirapé só quando o sujeito dos verbos transitivo e intransitivo, e o determinante do verbo transitivo são de terceira pessoa. Esse modo é caracterizado morfologicamente pelo sufixo modal –i (após consoante)~ -ø (após vogal). A referência ao sujeito do verbo intransitivo e ao objeto do transitivo é realizada por meio do prefixo relacional de não-contigüidade i-.”

A ocorrência de alomorfia de modo em tapirapé – Ind 1/2 – (e em línguas da família Tupí-Guaraní) me leva a relacionar esta categoria verbal em tapirapé a FA. Observe, abaixo, os interessantes dados de Praça (2002) com o sintagma locativo **kã'ã-pe** “na mata”¹¹:

(4) **miar-ã** **a-kwãp** **kã'ã-pe**
veado-ARG 3-existir mata-LOC
“O veado está na mata”

- (5) **kã'ã-pe i-kwãw-i miar-ã**
mata-LOC N-existir-INDII veado-ARG
“Na mata, o veado está”¹²

A posição canônica de elementos locativos como **kã'ã-pe** ‘na mata’ parece ser a posição final da sentença como se vê em (4) acima. A posição de elementos locativos em tapirapé é corroborada ainda por outros dados, como se vê em Praça (2001)¹³:

- (6) **aré ara-nopý a'egy kã'ã-pe**
nós 13SUJ-bater DEM mata-LOC
‘Nós batemos neles na mata’

- (7) **peé pe-porãáj aré ø-pýr-i**
vocês 2SUJ-dançar nós C-perto-SIT
‘Vocês dançam perto de nós’

Nas sentenças (6) e (7) acima, os sintagmas locativos **kã'ã-pe** ‘na mata’ e **ø-pýr-i aré** ‘perto de nós’ estão na posição final da sentença. É preciso dizer ainda que os verbos de sentenças com locativos em posição final na sentença selecionam **Ind 1** – ver sentenças (4), (6) e (7). Segundo Praça (2001:3,4), os argumentos do verbo no Ind 1 atestam diferentes ordens sintáticas: SVO, OVS, VOS e OSV. Ressalto, no entanto, que, com o verbo no Ind 1, os sintagmas locativos encontram-se no final da sentença em todas as ordens atestadas.

Há, porém, a evidência de movimento de sintagmas locativos para o início da sentença, como se vê em (5), renumerado abaixo:

- (8) **kã'ã-pe i-kwãw-i miar-ã**
mata-LOC N-existir-INDII veado-ARG
“Na mata, o veado está”

e ainda em (9)¹⁴:

- (9) **kã'ã-pe i-kwãw-i wetépe miár-ã**
mata-LOC N-estar.plural-INDII muitos veado-ARG
“Na mata, tem muitos veados”¹⁵

Observa-se que os verbos em (8) e (9), com os sintagmas locativos no início da sentença, selecionam o **Ind 2** e não mais o Ind 1. Minha hipótese é que o locativo **kã'ã-pe** ‘na mata’ em (8) e (9) sofreu movimento para a periferia esquerda da sentença a fim de checar o traço [+foco]. Para tal, estou assumindo a proposta de Rizzi (1997) que enriqueceu o sistema complementizador (CP), expandindo a periferia esquerda da sentença para alojar várias funções; uma delas, o sintagma foco – FocP¹⁶. Sobre o sistema CP em tapirapé, destaco a afirmação de Praça (2002:11):

[...] a periferia esquerda em Tapirapé merece estudo mais aprofundado” .

Há, no entanto, que se responder uma possível pergunta relacionada aos dados em (8) e (9) em tapirapé:

‘Se o sintagma locativo moveu-se para a periferia esquerda das sentenças para checagem de foco, que tipo de foco esse sintagma locativo movido em tapirapé apresenta?’

Embora testes específicos para a checagem de foco e sua tipologia em tapirapé estejam ainda em fase de preparação, coleta e análise ¹⁷, minha hipótese é que elementos locativos movidos para a periferia esquerda da sentença nessa língua, como (8) e (9), checam o traço “foco de identificação” – cf. Kiss (1998).

Kiss (1998) considera a existência do traço semântico [\pm exaustivo]. Para Kiss (op. cit.), a leitura positiva do traço semântico de exaustividade deve ser: [X e apenas X], correspondendo ao tipo de “foco de identificação”. A autora afirma que é como “foco de identificação” que é interpretado o foco deslocado na periferia esquerda da sentença no húngaro e o foco das clivadas no inglês. Segundo Miotto (2003), as clivadas no português também recebem a interpretação de “foco de identificação”.

O teste de exaustividade – Szabolcsi (1981) – é apontado como diagnóstico da interpretação de “foco de identificação” ¹⁸. Nas sentenças (10a) e (11a) abaixo, apresento sentenças pragmaticamente adequadas para um contexto de “foco de identificação”, como estou propondo ser o caso dos locativos nas sentenças (8) e (9) em tapirapé, renumeradas como (10b) e (11b):

(10)a. O veado está [na mata e na aldeia]

b. [_F Na mata] o veado está

(11)a. Têm muitos veados [na mata e na aldeia]

b. [_F Na mata] têm muitos veados’

Observe que as sentenças (8) e (9) – renumeradas como (10b) e (11b) acima – podem ser uma réplica a uma asserção prévia, instaurando “foco exaustivo”. No entanto, como já mencionado, testes e análises de dados em tapirapé precisam ainda ser realizados a fim de que se corrobore esta hipótese.

5. Considerações Finais

Neste trabalho, comparei a morfologia verbal da língua africana ibíbio com a morfologia verbal da língua indígena tapirapé, relacionando dois conjuntos de alomorfes – tempo (ibíbio) e modo (tapirapé) – a FA. A hipótese apresentada é que o Ind 2 em tapirapé aponta para a realização de FA nessa língua indígena brasileira, manifestando assim um traço areal da lingüística africana. Ibíbio foi apresentado como exemplo de uma língua africana que apresenta um conjunto de alomorfes de tempo relacionando-se com a marcação de foco.

Analisando dados de Praça (2001, 2002), propus que a periferia esquerda da sentença, organizada pelo sistema CP, merece ser melhor investigada em tapirapé, pois há evidências de que o sintagma foco – FocP – em CP seja o local de checagem do traço de “foco de identificação” nessa língua.

Notas

1. Também tópico.
2. A língua ibíbio é falada pelo povo ibíbio do sudeste da Nigéria. É classificada como língua “Lower-Cross”, da sub-família Cross River”, sub-ramo “East Benue-Congo”, pertencente ao ramo “Proto Benue-Congo” do grande tronco lingüístico ‘Niger Congo’, que abrange mais de mil línguas africanas – cf. Williamson & Blench (2000).
3. O tapirapé é falado por aproximadamente 450 índios que vivem atualmente em duas áreas indígenas no Nordeste de Mato Grosso – cf. Praça (2001). Segundo a classificação de Rodrigues (1985), essa língua pertence ao subconjunto IV da família Tupí-Guaraní.
4. Esta seção baseia-se em Oliveira (2004: 134-38).
5. A literatura comprova muitas e diferentes línguas do continente africano que marcam foco auxiliar em suas gramáticas. Algumas são: nupe e efik (Benuê-Congo), aghem (Bantu Grassfield), lamang e hausa (Chádicas) e um número de línguas cuxitas – em particular rendille e somali.
6. As idéias apresentadas nesses fóruns foram publicadas postumamente – Cook (2002) – com pequenas modificações editoriais, em honra a Paul Newman, colega de Cook.
7. Naturalmente, há muitos outros importantes trabalhos em Gramática Gerativa sobre foco – como por exemplo Rebuschi & Tuller (1999); mas o que quero ressaltar nesta seção são os trabalhos que tratam sobre foco na morfologia verbal de línguas africanas.
8. Este diagrama é uma reanálise do sistema temporal em ibíbio primeiramente apresentado por O. Essien (1990:78), seguido por Oliveira (1995:30) e M. K. Essien (1999:50).
9. Ibíbio é uma língua tonal com três tons pontuais, que se realizam em segmentos que servem como núcleos da sílaba. Esses núcleos são V(ogais) e N(asais silábicos): / \acute{V} / / \acute{N} / alto, / \grave{V} / / \grave{N} / baixo, / $\!/\acute{V}$ / ‘downstep(ped)’. Os dois tons modulados em ibíbio (fonéticos e não fonológicos) são combinações dos tons de nível, e se realizam nos núcleos de sílaba vocálicos: / \hat{V} / alto-baixo; / \check{V} / baixo-alto – cf. Urua (2000: 62).
10. Abreviaturas dos dados de tapirapé: ARG – caso argumentativo; C – indicador de determinante contíguo (contiguidade); DEM – demonstrativo; IND II – modo indicativo II; LOC – caso locativo; N – indicador de determinante não-contíguo (não-contigüidade); SIT – caso locativo situacional; (1/ 2/ 3 SUJ) – prefixo pessoal nominativo de 1^a, 2^a. e 3^a. pessoa; (12 SUJ) – prefixo pessoal nominativo de 1^a. pessoa do plural inclusivo; (13 SUJ) – prefixo pessoal nominativo de 1^a. pessoa do plural exclusivo; (23 SUJ) – prefixo pessoal nominativo de 2^a. pessoa do plural; (3) – terceira pessoa, ‘ele(a), eles(as)’.
11. Praça (2002: 17a), renumerado; (2002: 18a), renumerado.
12. Segundo Praça (op. cit.), a tradução livre dessa sentença é “os veados estão na mata”. No entanto, seguindo as glosas, a tradução me parece ser “na mata, o veado está”. O grifo em ‘ha mata’ é meu. Minha hipótese é que o sintagma locativo nesta posição em tapirapé seja um sintagma na posição de foco.
13. Praça (2001: (3)), renumerado; Praça (2001: (7)).

14. Praça (2001(11)), renumerado.
15. O grifo é meu; ver nota 12.
16. A apresentação da estrutura de sentenças com foco em tapirapé está fora do escopo deste trabalho.
17. Ver Oliveira e Praça (em preparação).
18. Este tipo de teste será feito em tapirapé – cf. Oliveira & Praça (em preparação).

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, S.C. Verb structure. In: L. M. Hyman (ed.) *Aghem grammatical structure*. Los Angeles, University of Southern California. Southern California Occasional Papers in Linguistics No. 7, 1979, p. 73-92.
- BEARTH, T. The contribution of African linguistics towards a general theory of focus. Update and critical review, *Journal of African languages and linguistics*: 20, 1999, p. 121-56.
- CARON, B. A propos de l'”acocompli” Haoussa et des perfecto-presents dans quelques langues d'Afrique de l'Ouest et d'ailleurs. *Linguistique Africaine* 2, 1979, p. 55-76.
- _____. La focalisation. *Faits de langues (11-12)*, 1998, p. 205-17.
- _____. Assertion et préconstruit: topicalisation et focalisation dans les langues africaines. In: CARON, B. (ed.). *Topicalisation et focalisation dans les langues africaines*. Louvain-Paris: PEETERS, 2000a, p. 7-42. Collection Afrique et Langage 1.
- _____. (ed.). *Topicalisation et focalisation dans les langues africaines*. Louvain-Paris: PEETERS, 2000b, p. 7-42. Collection Afrique et Langage 1.
- CREISSELS, D.; ROBERT, S. Morphologie verbale et organisation discursive de l'énoncé: l'exemple du tswana et du wolof. *Faits de langues (11-12)*, OPHRYS, 1998, p. 161-78.
- COOK, T. Focus in Efik. *Journal of African languages and Linguistics* 23-2, 2002, p. 113-52.
- ESSIEN, M. K. *Tense and tone in Ibibio*. 1999. Master Dissertation – University of Calabar, Calabar.
- ESSIEN, O. *A grammar of the Ibibio language*. Ibadan: University Press Limited, 1990.
- GIVÓN, T. Focus and the scope of assertion. Some Bantu evidence. *Studies in African Linguistics* (6), 1975, p. 185-205.
- HEINE, B.; REH, M. Diachronic observations on completive focus marking in some African languages. *Sprache und Geschichte in Afrika* 5, 1983, p. 7-44.
- HYMAN, L. M. (ed.). *Aghem grammatical structure*. Los Angeles, University of Southern California, 1979. Southern California Occasional Papers in Linguistics No. 7.
- _____. (1999). The Interaction between focus and tone in Bantu. In: G. Rebuschi & L. Tuller. *The grammar of focus*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 151-178.

- HYMAN, L., WATTERS, J.R. Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics* (15), 1984, p. 233-273.
- KISS, K. Identificational focus versus information focus. *Language*, v. 74, n. 2, 1998, p. 245-273.
- MIOTO, C. Focalização e quantificação. *Revista Letras* 61. Curitiba: Editora da UFRP, 2003, p. 169-189.
- OLIVEIRA, M. S. D. de. *A expressão do atributo na língua ibíbio*. 1995. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília.
- _____. *Perguntas de constituinte em ibíbio e a teoria de tipo oracional: aspectos da periferia à esquerda com ênfase em foco*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Semiótica. Área de Concentração: Teoria da Gramática) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Publicada em: OLIVEIRA, M. S. D. *Perguntas de constituinte em ibíbio e a teoria de tipo oracional: aspectos da periferia à esquerda com ênfase em foco*. München, Alemanha: LINCOM. 2005. *Studies in African Linguistics*, 65.
- OLIVEIRA, M. S. D.; PRAÇA, W. N. (em preparação). *Para um estudo da expressão do foco em tapirapé*.
- PRAÇA, W. N. *Nomes como predicados na língua tapirapé*. 1999. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília.
- _____. Sobre o indicativo II no Tapirapé. In: CABRAL, A. S. A.; RODRIGUES, A. D. (orgs.). *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Editora Universitária do Pará, 2001, p. 167-176.
- _____. *Algumas considerações iniciais sobre a tipologia de ‘perguntas Qu’ em tapirapé*. 2002. Trabalho apresentado ao Departamento de Línguas Clássicas e Vernácula – LIV – Universidade de Brasília para a conclusão da disciplina “Modelos de Análise Sintática” (Curso de Pós-Graduação em Linguística – doutorado).
- REBUSCHI, G.; TULLER, L. The grammar of focus: An introduction. In: *The grammar of focus*. Rebuschi, G. and Tuller, L. (eds.). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1999, p.1-22.
- RIZZI, L. The fine structure of left periphery. In: L. Haegeman (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997, p. 281-337.
- ROBERT, S. Structure et sémantique de la focalisation. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* 88/fasc.1, 1993, p. 25-47.
- RODRIGUES, A. D. (1985). Relações internas da família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28. São Paulo, 1985, p. 33-53.
- _____. Argumento e predicado em tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 19, 1996, p. 57-70.
- SEGERER, G. La focalisation en Bijogo. In: B. Caron (ed.) *Topicalisation et focalisation dans les langues africaines*. Louvain-Paris: PEETERS, 2000, p. 269-288. Collection Afrique et Langage: 1
- _____. *La langue Bijogo de Bubaque (Guinée Bissau)*. Louvain-Paris: PEETERS, 2002. Collection Afrique et Langage 3.

- SZALBOCSI, A. The semantics of topic-focus articulation. In: GROENENDIJK, J.; JANSEN, T; STOKHOF, M. (eds.). *Formal methods in the study of language*. Amsterdam: Matematicisch Centrum, 1981, p. 513-541.
- TULLER, L. The syntax of postverbal focus constructions in Chadic. *Natural Languages and Linguistic Theory* 10, 1992, p. 303-34.
- URUA, E. E. *Ibibio phonetics and phonology*. Cape Town: Centre for Advanced Studies of African Society. 2000.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus and word order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.
- WATTERS, J. R. Focus in Aghem: A study of its formal correlates and typology. In: HYMAN, L. M. (ed.). *Aghem grammatical structures*. Los Angeles, 1979, p. 137-97.
- WILLIAMSON, K., BLENCH, R. Niger-Congo. In: HEINE, B., NURSE, D (eds.) *African Languages: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, 11-42.